



Gaiato



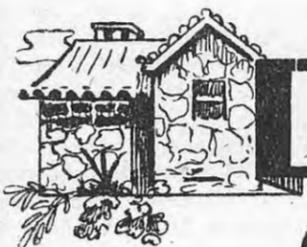
OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

8 DE MAIO DE 1965
ANO XXII — N.º 552 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAGO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

SALES DO JARREIG PARA PAGO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENARI
COMPOSTO: HERESCO NAS ESCOLAS GRATIFICAS DE CASA DO GAIATO



PATRIMONIO

dos Pobres

A quase um ano das últimas contas aqui prestadas, eis-nos na mesma disposição de espírito, aliás ainda mais firme por nova comprovação que o Senhor deu e há-de repetir para alimento da nossa Fé, enquanto A não deixarmos apagar nas horas mais sombrias que Ele também permite.

Em 1964 o Património andou e fez andar, mas mais devagarinho. Nunca o fiozinho de água secou, mas foi sempre só fiozinho, com que entretemos a sede de muitos que o procuraram. Como porém, era fiozinho, os cântaros de quem vinha à fonte fizeram bicha e esperaram longamente a sua vez de encher. Todavia, uma vez mais o Senhor foi por nós. E, na hora que Ele sabia e quis, aí vem com uma pequenina e salutar torrente que ainda não pôde dessedentar a todos os que, mais ou menos pacientemente, têm esperado, só porque o tempo ainda tal não permitiu. Um pouco mais, porém, e todos estes terão a sua parte.

Eu queria que estas linhas fossem lidas pelos Párocos que nos batem à porta; e que estes as dessem a saborear aos seus paroquianos, a todos os seus e, particularmente, àqueles que têm também batido às suas portas com o seu problema de habitação. Queria que todos vissem nesta farturinha que o Senhor manda de vez em quando, queria que O vissem a Ele mesmo presente nas obras que encomenda aos homens, nas quais estes mantiveram indefectível a certeza de agirem em Seu Nome.

Que o Património dos Pobres tivesse sido... e acabado—nem mesmo assim se poderia duvidar da sua origem, por aquela palavra de Pai Américo: «Foi no Altar que gerei esta obra!» Bastaria pensar nos frutos que ela deu nestes catorze anos: o que ela fez e, sobretudo, o que ela fez fazer. As entidades que acordou! As mentalidades que formou e reformou! A mobilização geral das consciências que conduziu a uma vasta mobilização dos meios materiais que permitiram realizar o que está feito!

Mas não. O Património e os seus ramos mais novos continuam a enfeitigar, por esse País além, Párocos e paroquianos que não perderam o sentido de quanto um mínimo de condições materiais é indispensável para que um homem se realize como homem e como cristão. E esse sentido agita-os e move-os e as casas vão-se levantando: e são Indigentes a quem a Igreja dá o seu abrigo; e são Pobres a quem Ela dá a Sua mão e ajuda a levantar.

Ora, há um ano, falando das misericórdias de Deus nesta Sua obra do Património dos Pobres, nós dizíamos da nossa sequeira de fundos, a qual no

Continua na QUARTA página

Carta de BENGUELA

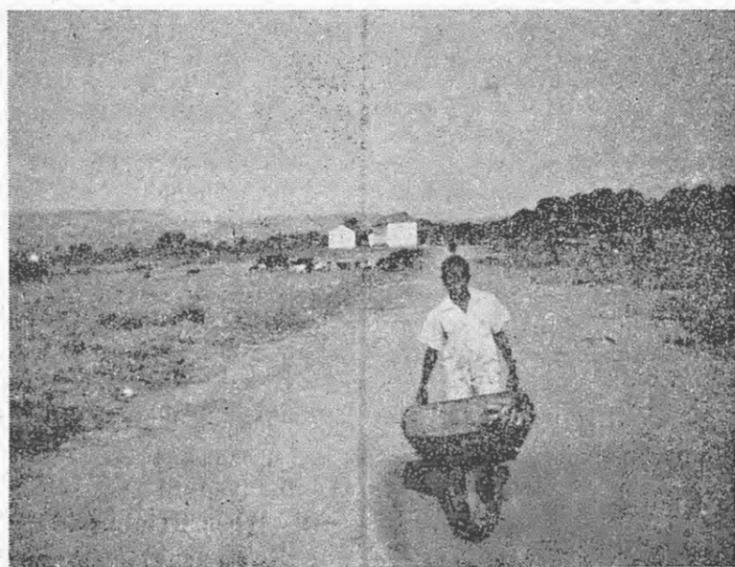
UM movimento anormal se passa na nossa quinta; é tractor que carrega areia, depois pedra ou então brita; outros abrem buracos, mais aqueles com isto e aquilo e eis que chega o pessoal da Cassequel com o Snr. Costa mais o Snr. Duarte para levantar os postes que ligarão a electricidade à cabine nova.

Neste momento já estão todos ao alto, dando um aspecto diferente à nossa quinta. A maior parte do material e serviço é-nos ofertado pela Sociedade Agrícola do Cassequel. O Senhor grandes amigos nos dá!

AQUI há dias, Snr. Padre Manuel aparece muito zangado. Na mão trazia seu livro de meditação todo roto, folhas rasgadas, roídas e desfeito. Quando lhe perguntámos, disse-nos: «Então o cão já não lhe chega ir todos os dias dormir para a Capela, para agora se lembrar de mim-sear o meu rico livro que já nem sei de que cor é ele? Fugiu mas vou-lhe dar uma lição para aprender a não mexer no que está quieto. Ora querem lá ver

que até o «Tigre» quer fazer meditação!»
Senhor Padre lá seguiu muito exaltado em busca do cão.

RITMO é de Benguela. Foi um dos que encontramos na rua, à noite, roto, a chorar e com fome. Trouxemo-lo há meses, é dos nossos e, portanto, ficou.



João, de Cabo Verde, alegre, cumpre o seu dever!

Ele há normalmente tantos males na vida do Pobre, que o maior não é nem a falta de habitação, nem mesmo a fome. É antes um complexo fruto desses e doutras circunstâncias, caracterizado por um desequilíbrio humano com incidências no aspecto familiar, profissional e moral, ou mais radicalmente ainda no próprio carácter da pessoa. O que, bem visto, levou um dia Alguém a exigir: «Desta gente não se pode exigir virtudes». Se não se pode exigir virtudes, é porque perdeu toda a capacidade de elevação moral.

Por isso, quando no meio da miséria topamos alguém que conserva sã a integridade humana, é uma excepção. A senhora Carlota tantas vezes aqui falada, é uma. Porque há muito tenho reparado no seu falar sem a afectação vulgar do Pobre que repinta a sua miséria, e no seu equilíbrio ia prevenido com papel e lápis e aqui vai apontado em conversa despreziosa e discreta.

Falou-me da «careza» dos alimentos. Então quis saber como fazia as suas refeições e ela começou a dizer: «Sete tostões de arroz, onze de boroa, uma coroa de bacalhau (O merceiro até se ri quando lhe peço uma coroa, mas eu digo-lhe: «Ande lá; corte aí um bocadinho; bem sabe que não tenho mais») e onze tostões de azeite.

Mas como se pode comer isto? Não se pode. É tudo muito caro. A gente vai andando até cair». E eu então pergunto se não há outra refeição mais em conta. «Às vezes, cinco tostões de hortaliça, vinte e dois tostões de batata, que é um quilo, agora; mas são precisos mais dezasseis tostões de carvão. Já com esta refeição fazia duas. Metade ao meio dia e metade à noite».

«Às vezes venho do cemitério a caminho de casa. Pelo caminho páro muitas vezes, por causa do coração e ponho-me a pensar: — Eu que vou fazer a casa? Não tenho lá que comer...» É que ela trabalha honradamente, como lhe permitem as suas forças, a regar flores e lavar campas a 2\$50 por semana, ou ao mês dez escudos, no Prado Repouso.

— E como passa a maior parte das vezes?
— Compro uma quarta de açúcar, que são quatorze tostões e dez tostões de café e cinco tostões de sêmea.
É significativo que só fale em tostões. O dinheiro é tão pequenino que não há escudos.
«Eu sôzinha é que tenho que esgravelar. Dantes não faltava quem viesse pelo Barredo a dar esmolos. A gente está sempre à sua espera como se fosse duma grandeza. A gente está sempre à espera. Ao menos naquele dia a gente até se consola».

É de facto consolador para vós queridos leitores e para mim saber isto da boca dos Pobres. Mas nem todos sabem gastar o dinheiro que lhes entrego, com equilíbrio. Continua ela:

Continua na QUARTA página

BARREDO

O QUE NOS DÃO

Lo Tojal

Amigos leitores, trazemos hoje até vós mais uma lista das vossas presenças, que é a demonstração clara e evidente do vosso amor por nós.

Nela vão sobressair ainda «restos» do Natal, tão cheio que no-lo proporcionastes: Banco de Portugal 2X500\$00; Venerável Ordem de S. Francisco de Jesus 300\$00; Nestlé 141\$00; Fábrica da Abelheira 1.000\$00; Banco de Angola 8.000\$00; Cidla 300\$00; Câmara Municipal de Lisboa 1.000\$00; Banco Totta-Alliança 200\$00; C.ª dos Caminhos de Ferro de Benguela 250\$00; Soc. Port. de Petroquímica 1.500\$00; União dos Grémios

como que a confirmar o extraordinário movimento do ano anterior. Se não fosse a elucidação dada pelos números, que é afinal tão concreta, e o conhecimento prévio da vossa bondade, não acreditaríamos que, num curto espaço de 12 meses, fosse possível praticar tanta caridade, e que tivesse havido tanta dedicação por esta Casa. Mas houve-a realmente, e contra os números nada podemos objectar, pois eles falam só por si.

Este novo ano não teria começado da forma como começou se não fora a presença dos nossos eternos amigos: Mobil, 3X695\$, 947\$+815\$+2.739\$;

nhas» 100\$ e Alberto Romão 300\$.

É assim. Uma prova irrefutável de todo o vosso amor e ternura para com a Obra da Rua e que se expressa das mais diversas maneiras: mais assinaturas actualizadas ao longo destes meses iniciais do ano; Manuel Silva, Joaquim dos Santos, António Leitão e Gastão Reis, todos com 50\$; Maria Lindinho 30\$; Manuela Borges 100\$; assinantes 29443, 5917, 27856 e 4572, com 20, 50, 50 e 100, respectivamente; empregados da Soc. dos Produtos Lácteos 430\$; alguém em Elvas, 100\$; P. O. Monteiro 500\$; Praça Luís de Camões 1.000\$; Sra. D. Madalena 200\$; Sra. D. Ondina, 200\$+200\$; P. e João Chamigo 50\$; António da Costa, de Peniche, 100\$; diversos donativos entregues em casa da Mãe Irene: Junta de Freguesia dos Anjos 120, D. Adelina Amaro 100\$; D. Rosa Ramos e Costa 100\$; e algumas assinaturas perfazendo um total de 460\$; «migalhas de um amigo dos Gaiatos» 50\$; pessoa que envia 20\$, nos quais vêm incluídos 3\$00 perdidos por um dos nossos vendedores no autocarro e achados por um seu filho; que melhor exemplo podemos desejar do que deve ser realmente a verdade?

E a grande marcha continua: Luíz de Figueiredo 200\$; Eng.º Daniel Vera Cruz «em nome de um grupo de amigos da Obra», 916\$40; Dr. Joaquim Silva Pinto 500\$; assinaturas pela mão da Sra. D. Alice 380\$; British League of Assistance 2.500\$; The Lisboa

De um reduzido grupo de empregados da L'Air Liquide 420\$+4 vezes 20\$; Senhora Graham 3X50\$ e de uma sua amiga 500\$; carinho constante da Praça de Damão: 3.000\$+800\$00+Primeira série de livros para a nossa biblioteca; «Uma amiguinha de Moscavide 420\$00+40\$; casal Farinha nas suas presenças mensais 3X100\$ e 120\$; «alguém do Tribunal de Contas» 50\$; «Amigo da Obra em Lourenço Marques» 2.000\$00; «Uma amiguinha dos Gaiatos que acredita muito nas nossas orações» 4X50\$; «Os tais», 5.000\$; D. Rosalina Braz 500\$; Snr. Morais, com muito pão a acompanhar 1.350\$; Funcionários das Enc. Postais da Rua da Palma, 4.000\$; J. Fernandes 100\$; à porta, com mais um embrulho, 100\$; C.ª dos Petróleos de Angola 100; M. Silva de Melo 50\$; família Vieira Borges 220\$; «com o pedido de uma oração e para o que for mais preciso» 100\$; «uma criada honesta» 50\$; D. Emília Velho 100\$; «migalhi-

CARTA DE BENGUELA

Cont. da PRIMEIRA página

chão, e toca à brincadeira uns com os outros. Melo ralha: — «Então a água?» Lá corre tudo para a torneira. Mas, chegando lá, as latas enchem, tornam a encher, e ficam eternamente cheias, enquanto ao lado, há de novo brincadeira pegada. Melo ao longe, torna a gritar: — «Então quando vem a água?» Lá vem tudo de lata cheia. Mas, pelo caminho, este empurra aquele, o outro prega uma rasteira ao da frente e as latas, em vez de cheias, chegam meias quando chegam... Melo ralha que se farta. Eles brincam, as plantas passam sede e, enfim, tudo isto é a Casa do Gaiato!

Tóí é tractorista.

— Ó Tóí, estás a ficar negro!

— Pois, sempre ao sol, sempre ao sol! Nem fato macaco temo que não este, e isto cansa muito nem até a ficar chupado. O melhor é mandarem fazer bons bifes para mim porque assim nada, não presta. Não, não! Estou a ficar chupado e quero ser forte.

Lá seguiu ele, levando na carroçaria uma carrada de areia,

ao mesmo tempo que se abria num sorriso franco como ele é. É um brincalhão o Tóí.

GRANDE aborrecimento. Os jornais não vieram a tempo de se fazer a venda de costume. Passaram 8 dias e nada. Nestes, o nosso P.e Manuel tem transpirado por todos os lados em corridas daqui para ali a saber o porquê deste tão grande atraso e na lá. Entretanto a malta em Casa comentava «que Júlio Mendes em Paço de Sousa, com as Festas, não fez mexer os da Tipografia». Outros: «Os Senhores é que pagam, coitados». Diz o Chico: «Eu tenho fregueses certos que se lá não apareço com o jornal quase me comem vivo».

O Manuel da Creche todos os dias protesta com o Sr. Padre Manuel: «Então o avião ainda não largou os jornais no aeroporto? O Sr. Padre não ralha com eles! Nós, se não vendemos tudo, ouvimos sempre arranques... O avião não traz os jornais e ninguém ralha com o dono».

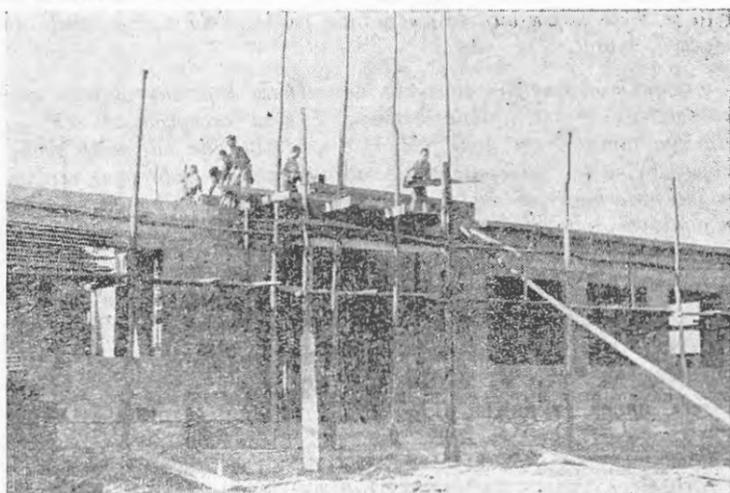
Ora aí têm os Senhores o assunto da semana.

Américo dos Santos

Players 7.180\$; entregue a vendedores, 200\$ e mais 50; uma Senhora espanhola 1000\$; de alguém que nos ajuda no Lar, material e intelectualmente, 100; Emid Mitchell 500\$; «uma família amiga» 500\$; D. M. Helena M. 100\$; Família Cascais 300\$; Padre italiano 389\$50 em rands; M. Guedes 1.000\$; visita anual da Josefa de Óbidos 1.138\$60; uma criada muito nossa amiga que se despoja do seu ordenado, 400\$; D. Maria Lapa

500\$; visita da Pragma 200\$; de Torres Vedras 20\$; um «tijolo» dum casal amigo, 50\$; entregue no Lar 70\$ e Senhor Dias F. com 500\$ e amêndoas encerram a nossa relação de hoje, referente à vossa generosidade. E assim findamos, uma vez mais, agradecendo a Deus todas estas manifestações autênticas da Sua providência, manifestações essas de que vós sois os instrumentos.

Luís Gonzaga



As escolas em construção no Tojal

de Logistas de Lisboa 500\$00. Alguns anónimos que nos fizeram ter ainda mais vontade para agradecer a Deus: anónimos de 50\$00, 4.000\$, 150\$, 600\$, 5.000\$ e 20.000\$; muitos visitantes com 4X20\$, 3X100\$, 2X150\$ e 3X30\$; um grande número de assinaturas liquidadas ainda no limiar de 1965: M.ª Soalheiro 30\$; ass. 27825 100\$; Julieta Sofia 120\$; assinantes 31.305, 28.367, 23.893 e 2794 com 100\$, 50\$, 50\$, e 50\$; Nazaré Rodrigues, Emília Almeida, António Morais e D. A. Morais todos com 50\$; F. da Casa de Bragança 120\$; E. C. 20\$; Maria Isabel 50\$; Domingos S. 20\$ e Albino Nunes 60\$. Algumas dádivas em géneros: Sena Sugar, 20 quilos de açúcar; mobílias, géneros alimentícios e outros artigos da Av. da República em Algés; roupas de uma grande admiradora da Obra, pedindo desculpa por ser tão pouco. A nossa desculpa e um sincero muito obrigado.

Depois surge pròpriamente 1965 em toda a sua força,

Cantinho de Malanje

«Acabamos há momentos de receber as meninas e meninos do Liceu de Malanje, que nos vieram trazer muita roupa, e 6 mil escudos, dum peditório que fizeram nas ruas desta cidade.

Não sabemos como lhes agradecer esta pequena oferta que para nós é muitíssimo grande e valiosa.

Visitaram a nossa Casa-mãe, em construção.

O Senhor Padre Telmo queria ver se conseguia fazer a inauguração no dia 16 de Julho, aniversário da morte de Pai Américo. Era uma linda data para a Obra da Rua.

Mas, para ser nesse dia, temos de trabalhar afincadamente.

Agradecemos ao Senhor por nos ter ajudado na construção da casa que está quase pronta, e pelas obras não pararem até hoje.

Todos os irmãos das outras Casas do Gaiato, foram lembrados por nós, os de Malanje, nesta Serrana Santa que está prestes a terminar.

Tivemos duas conferências pelo Senhor Padre Oscar.

O Senhor P.e Carlos não se esqueça de vir à inauguração! Por hoje nada mais.

O fotógrafo veio cá ontem tirar fotos à Obra. O Senhor Padre Telmo depois manda-lhas para o jornal.

Receba um Xi muito apertado do seu



Isabel Maria, filha do Fernando e Emília, casal que actualmente serve a Obra em Malanje.



BUROCRACITE

É verdade! Ela é um estado crónico dos nossos métodos de fazer o quer que seja — especializados na complicação do que é simples! Por isso se perde tanto tempo; se gastam tantas energias em serviços, cabeça hipertrofiada do nosso corpo económico; se desmortaliza o cidadão pacífico que põe sua suprema aspiração num lugarzinho certo de funcionário, que funcione sem grandes cuidados nem devoção; e se fatiga o pequeno resto que quer fazer algo a bem do próximo, mediante a única tática eficaz: simplificar as coisas complicadas.

Quanto mais a gente tropeça na burocracia, tanto mais profundamente contemplo e admiro e amo o génio de Pai Américo. É mais uma faceta entre as muitas, a descoberta (de que não fez segredo!) de que muitos grandes problemas, aparentes becos sem saída, e que assim permanecem num fatalismo estéril, se podem resolver decompondo-os em problemas menores, à nossa medida. E assim como primeiro se decompõe o problema e se vão resolvendo as parcelas, assim depois se compõem as soluções parciais — e aí temos nós o «Ovo de Colombo» posto em pé! Foi assim com os Pobres, nos seus tempos de receber aqui e deixar acolá e chegar ao fim de cada dia com as algibeiras limpas, e ao fim de cada mês com as contas saldadas. Foi assim, depois, com as Casas do Gaiato. E tornou a ser com o Património dos Pobres, mais com o Calvário. Foi, não! É! É assim que um padre, pai de uma Família de dezenas (vários, mais de uma centena) de rapazes, vai realizando com eles uma obra válida: Reparando obrigações e responsabilidade e pedindo contas ao fim. E aquela condução de uma juventude difícil que exigiria, elássicamente, muitos perfeitos e muitos superiores — faz-se, como quem brinca, dividindo as dificuldades e somando o que se simplifica. Faz-se como quem brinca... mas é uma coisa muito séria!

Ora isto que Pai Américo descobriu, não é dos menores valores que ele deixou à sociedade que serviu religiosamente e que deve honrar-se dele (que nem tantos valores autênticos conta no seu seio!) e louvá-lo com obras, mais que com palavras!

Mas não é assim. Há momentos em que a gente se cansa e se impacienta com as dificuldades escusadas que constantemente se levantam sob nossos pés.

Ele o impresso de registo das furgonetas que tem de ser refeito (e os selos repostos!) porque o cabeçalho não foi cheio em letra maiúscula! (Mas isto é exigência de um posto; noutro já não é!) Ele o averbamento de uma mudança de estado num cartão de identidade, que exige, além do certificado de casamento,

como parece óbvio, mais certidões de nascimento e o arco da velha! Ele, em vez da ida pura e simples de um doente já diagnosticado àquele serviço clínico que o remediará, volta sem conta por muitos serviços, para «se cumprir o regulamento». Ele uma Junta de Povoamento que quer povoar o nosso Ultramar de gente sã (no que temos colaborado honestamente!) e que atrapalha tudo antes que perceba esta coisa simplicíssima: Há um homem que quer ir trabalhar e tem trabalho e só pretende a passagem. Ele uma Junta de Freguesia, onde nos pedem a norma para um atestado de residência de um seu parquiano que só ela pode passar(!)

Ele o cemitério do Calvário, que nos vimos obrigados a levantar por não haver, dentro em breve, nas redondezas, onde enterrar os nossos doentes incuráveis que o Senhor vai chamando. O cemitério está pronto, os mortos não há onde os sepultar e a licença

anda há ano e meio por lá, de secretária em secretária... Quem sabe dela?

É o nosso carro, que se perdeu o cartãozinho do registo de propriedade e é preciso um cerimonial tão complicado para tirar outro que eu ainda não arranji coragem para me decidir!

Ele é uma instituição que distribuiu géneros; e que um dia nos perguntou o que fazíamos deles; e a quem eu julguei ter dado uma resposta salomónica, dizendo: «Come-mo-los»...! Pois cortou relações e não nos distribuiu mais.

E muitas coisas, muitas, muitas, muito complicadas e subtis, para tudo ficar muito seguro e muito direito — e afinal, quanto mais complicada é a segurança mais simples e seguramente é ludibriada!

Os senhores desculpem, mas é que ultimamente tem-nos apoucado um surto tão agudo de burocracite, que a temperatura sobe e um desabafo ainda é remédio capaz de a abaixar!

Um Pedido

Eu disse que este ano não tornava a falar nas nossas Festas. E não falo. Este é um eco indirecto e dirigido, sim, às Festas do ano próximo.

Quando o Américo esboçou o plano da Festa que seria a sua despedida metropolitana, tratou de aproveitar a boa vontade de alguns músicos e arranjou uma pequenina orquestra. João, este ano, não quis ficar atrás e, batendo às mesmas portas, achou-as abertas de par em par. Só faltava um naipe (como, aliás, o ano passado): Era o baterista. E tivemos que contratar um.

Ora nós temos entre os nossos Rapazes um que tem o ritmo na massa do sangue. É o «Timpanas» da Festa deste ano e a «primeira bailarina» da valsa de Strauss na Festa do ano passado. Nos ensaios o seu recreio era a brincar com a bateria — e a brincadeira saíu muito séria! Tanto, que os entendidos chegaram à seguinte conclusão: — O ano próximo, de baterista estaremos nós providos..., na condição de haver a bateria, é claro!

É esta conclusão que eu ofereço aos Senhores.

E agora, para bom entendedor...



BENGUELA

● A nossa Páscoa — Foi uma alegria, começando pelas actuações do nosso coro, e a terminar nas dores de barriga por causa das amêndoas.

As cerimónias deste ano foram feitas na Igreja de N.ª S.ª de Fátima, desta cidade.

Foi a esta que nós fomos cantar os mais variados cânticos, ensaiados pelo nosso Américo. Este ficou contente logo no primeiro dia, domingo de Ramos. Dizia: — Além de nos faltarem seis vendedores (foram vender à cidade vizinha, Lobito), saímo-nos bem graças a Deus.

O segundo dia, foi na Quinta-feira Santa, a qual nos fez lembrar a última ceia de N. S. Jesus Cristo, com seus Discípulos. Foi o primeiro dia também, da nossa Comunhão Pascal.

Terceiro dia, foi o de maior tristeza. Pois fazia-nos lembrar a morte do Nosso Salvador. Cada um de nós pensava no que Lhe acontecera, e fazia o possível para se pôr no Calvário, vendo as dores que Ele teve por causa dos nossos pecados.

Chegou o último dia, isto é, a Ressurreição do Senhor! Ele subiu, e nós ficamos! Mas ficamos com Ele para sempre na nossa missa dominical!

Durante estes dias, não se falava noutra coisa senão no nosso coro que se saíu às mil maravilhas. No final,

Américo dizia: — Temos de pensar numa festa dentro de breves meses! Nestes tempos de escola não pode ser mas... para Agosto, Setembro, não sei... Vamos a ver. Tudo se há-de arranjar com a ajuda de Deus. E nós confiamos n'Ele.

● Na S. A. C. contamos com verdadeiros amigos. Não sabemos como agradecer todo o bem que nos têm feito! Que Deus lhes pague!...

JOÃO EVANGELISTA

Paço de Sousa

● Nós, mais que ninguém, gostaríamos de não aborrecer os leitores. Principalmente quando se trata de pedidos ou de coisa semelhante. É certo que, dos vários que temos feito, quase sempre somos atendidos. Mas não é menos certo que nem sempre sabemos ser agradecidos. Confessar que só o cronista é culpado, não o faço porque assim não é. Eu limito-me a maçar e a aborrecer os nossos leitores. Quanto ao resultado, de nada chego a saber a não ser por acaso! Assim aconteceu com o pedido de facas que num dos últimos Gaiatos fiz. Vieram não sei se meia dúzia se uma dúzia. Eu só o soube quando trabalhei com elas!...

Hirra!... A nossa «desorganização organizada» anda mesmo desorganizada de todo!

● Desta vez, não se trata de pedir. Trata-se sim, de lembrar os nossos leitores de que a CAMPANHA DA GARRAFA VAZIA não pode, de modo algum, morrer ao nascer!

A princípio, a coisa parecia encarrear bem. E nós, animados como estávamos, julgamos que, num curto espaço de tempo, obteríamos equipas e bolas (o produto da Campanha destina-se a isso mesmo) para o nosso Grupo que bem precisa. Porém, assim não sucedeu. Desanimados, pensamos em desistir. Mas não. Não o fizemos nem o fazemos porque cremos que os nossos leitores nos ajudarão a prosseguir.

Se o vosso querer for o nosso, temos a certeza que a Campanha prosseguirá! Aguardo a vossa resposta que, julgo, não demorará muito.

● A propósito de equipas. Aconteceu, numa das raras deslocações que o nosso Grupo faz a campos adversários, e desta feita a Viana do Castelo para defrontar a equipa do CEDEMI, que alguém nos prometeu

quatro equipamentos novos. Já lá vão dois anos! E, ao que parece, ficou só em promessas... Ficaria?

● O «Varela», grande vedeta das nossas festas, que nas diversas salas do País a todos entusiasma em «Timpanas», não me larga, porque quer, a todo o custo, que eu peça aos Senhores uma bateria. Até aqui tudo está muito bem. Acontece porém, que o dito instrumento não é nada barato e, além disso, os nossos amigos nem sempre estão de braços abertos para nos atender.

Querem os Senhores, que tanto gostam de ver actuar os nossos rapazes em palcos diversos, ver o «Varela» pró ano apresentar-se como baterista?!

A sua alegria seria imensa e a nossa gratidão infinita.

FAUSTO TEIXEIRA

Visado pela
Comissão de Censura



decorrer de 1964 não produziu senão o tal fiozinho. E diziamos também da nossa certeza de que «Deus suscitaria a generosidade necessária onde, quando e como Ele quisesse».

«Virá de ao pé da porta uma grande bolada? Virá outra vez de Hong-Kong? Virá pulverizada em inúmeras migalhinhas de muitas latitudes?»

Pois veio pulverizada em inúmeras migalhinhas, que sustentaram o fio de água. E veio de uma bolada, desta vez de ao pé da porta, que provocou a pequena e salutar torrente que nos permitirá dessedentar todos aqueles que há muito vêm esperando, com mais ou menos paciência.

O certo é que, desde o princípio, com mais ou menos demora, mais ou menos provada a nossa Fé, sempre tem sido possível acudir a quem nos procura — o que é sério motivo para renovarmos e revigorarmos a Fé, a qual, mais a Caridade, são os grandes valores deste negócio, os únicos que valem para o tempo e para a eternidade, os únicos capazes de garantir a eficácia de uma Obra que não

PATRIMONIO DOS POBRES



buscou nem busca as promessas dos homens, mas sim as de Deus.

O caso foi que alguém, assistindo ao funeral de Pai Américo, vão lá quase nove anos, impressionado por aquela apoteose a uma vida consumada em Caridade, prometeu que daria metade da sorte-grande que algum dia lhe saísse.

O tempo rolou. A impressão, porém, não se desfez. Menos ainda a palavra assumida no íntimo da consciência. E assim, passados quase nove anos, saiu-lhe mesmo a sorte-grande. Mais: saiu-lhe certamente maior do que ele então pensaria, pois, pessoa modesta que era, jogava na lotaria também modestamente. Entretanto esta sofreu remodelações que permitem mesmo aos jogadores modestos habilitarem-se a grandes prémios. E saíram-lhe mil contos. E metade de mil são quinhentos. E foi metade que ele prometeu. E foi isso que entregou.

Ora ele há em tudo isto valores maiores do que os expressos em contos.

Primeiro: a fidelidade a uma promessa escondida, tantos anos guardada sem corrupção, tão longe já daquela impressão que a provocou. Quer dizer que aquela impressão não foi acto puramente sensível, mas algo que penetrou intimamente a alma do nosso homem. Não deixa de ser notável esta denúncia de um compromisso de consciência num mundo tão pronto para assumir direitos quanto avesso a tomar responsabilidades.

Segundo: A grandeza da quantia. Se fossem cem contos, dar metade... vá lá! Mas dar metade de mil custa muito mais! A nossa experiência nolo diz. E que a confirmem os potentados deste mundo, se quiserem ser sinceros consigo mesmos!

Natural era que este homem dissesse com os seus botões: «Claro!, quando eu prometi, olhando ao que jogava, nunca pensei que alguma vez me saísse tanto. Portanto vou dar metade do que então me poderia ter saído e pronto». E razonando assim ou semelhantemente, teria botado a sua figura e entretido a sua consciência. Mas não foi assim que ele disse: «Se prometi metade, é metade que terei de dar. Queimava-me as mãos o resto

Cont. da PRIMEIRA página

dessa metade se não fizesse assim».

Esta última fala foi tal e qual que a ouviram os meus ouvidos pecadores.

Donde nós temos que este dar não é lá muito, muito natural! Traz riqueza espiritual. E é essa mesma que engrossa o fio de água e faz torrente salutar — não são os contos. Estes são papel sujo de tinta e nada mais.

Este foi o sinal da presença divina este ano, como há dois foi aquele cheque de Hong-Kong, que ainda hoje estou para saber de quem.

E quando Deus quiser, como Deus quiser, de onde Ele quiser, há-de vir o preciso para que em todo o tempo e lugar seja prestada a Justiça que nos é pedida.

x x x

Vamos agora às contas. Posição de espírito: Igual

à do ano passado — já o dissemos.

Posição material: Há um ano apresentámos um largo activo (803 contos entre Património e Pequenos Auxílios) e um pequeno saldo.

Este ano é o saldo que nos permite pôr em dia o atrasado. E o activo realizado ao longo do ano o mais pequeno de há muito tempo para cá.

A conta desenvolve-se como habitualmente sob duas rubricas: Património propriamente dito — o «pequenino bem» de que a Paróquia dispõe para abrigar a título precário e gratuito os seus indigentes, hoje estes, amanhã aqueles; e os «Pequenos auxílios», que são estímulos dados aos Pobres para que estes se encoragem e se dêem à iniciativa de construir as suas próprias casinhas, pobres, pequeninas, mas decentes e bastantes em divisões às necessidades das famílias. É uma solução pequenina — insisto. Não dá nas vistas! Não serve para enfei-

tar nenhuma bandeira daquelas com que os homens gostam de ilustrar os feitos que não fazem. Mas é uma solução verdadeira, que moraliza, que refaz a confiança entre os homens, que os civiliza e os fixa ao torrão natal.

Quanto mais penso e quanto mais conheço os efeitos deste ramo que nasceu do tronco do Património e bebe a seiva, portanto, do mesmo Altar — quanto mais penso e mais conheço, mais me enamoro desta solução e só queria que todos os Párocos se apaixonassem e que eu tivesse sempre com que ajudar a alimentar esta paixão.

Venham, finalmente, os números:

Para 19 freguesias das 113 que ajudámos na roda do ano, foram para o Património dos Pobres 152 contos. As restantes 94 Paróquias foram freguesias dos «Pequenos Auxílios» que totalizaram 241.750\$.

Quer dizer: passaram pelas nossas mãos 393.750\$00 que se traduziram em 30 casas do Património e 171 de Pobres que ontem eram proletários puros e hoje são donos de uma casinha.

E agora, a estes, que Deus os livre do fisco e do hospital — a contradição que não podia faltar para pôr o selo de completa verdade a esta solução pequenina de fazer pequeninos proprietários.

BARREDO

Cont. da PRIMEIRA página

«Há gente que chora, chora às vezes mais do que precisa. Comigo não. Rio-me, estou contente. A minha sobre-aluga, às vezes diz:

— Ó Carlota, não fazes de comer?

— Não. Estou com uma dor de cabeça...

«Ó Mãe faça por levar a Cruz ao Calvário. Não diga aos outros as necessidades que passa — foi o meu filhinho que me recomendou e eu faço assim». Este filho único morreu-lhe em casa tuberculoso há já anos.)

«Ó Mãe deixe o dinheiro em casa de quem no tem. Não vá fazer uma burlice. A mãe não o tem. Se alguém vier cá dar-lho, a mãe tem de o ir entregar a quem o pediu ou, então, vai para remédios; e fica sem ele. É melhor não o pedir».

— A gente que há-de fazer? Eu já estou afeita há tanto tempo a este martírio.

E falando em martírio lembra-se dos seus males, do seu reumatismo e do seu coração e diz: «O coração é que me mata».

Grande deve ser o coração da tia Carlota para suportar na vida tantas privações, sem amolecer nem entorpecer, com os males que vitimam os que nas mesmas condições tanto se têm degradado.

P.e José Maria



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

UMA CARTA

«Graças a Deus que já temos outra casa feita, cheia de luz e calor, uma oração erguida para Deus em nome dos Pobres!

É grande e linda, muito mais linda que as outras. Eu creio que se o bondoso Padre Américo a visse com os olhos da terra muito havia de louvar ao Senhor por dar aos seus Pobres uma vivenda tão linda, tão grande e tão cheia de conforto.



É grande e linda, cheia de luz e calor!

E esta, como as outras, obedeceu ao mesmo princípio da economia do Céu: — Comecei-a sem ter um tostão e acabei-a sem dever um centavo.

Bendito seja Deus!

Não está ali colocada uma telha sem que esteja paga e a importância ali gasta ronda pela meia centena de contos.

Ao lado da casa rasgou-se outro campo de boa terra, terra funda e muito fértil.

Se a casa recebe os Pobres e lhe dá conforto e comodidade, os campos enchem-lhe a candeia de azeite, o celeiro de pão e fruta, o barril de vinho verde e a arca de agasalhos e linho.

Cada casa e cada campo é uma benção para cada família que louva ao Céu na sua dor.

E agora vou começar outra e depois mais outra, até que Deus lhe ponha termo.

Os Pobres! São todos na mesma e creio que tanto fará ser de Mondim como de quaisquer pontos cardiais da terra: «Tudo o que fizerdes a um destes é a Mim que o fazeis...»